



O USO VÍDEO EM PRODUÇÕES EDUCACIONAIS: REFLEXÕES SOBRE FORMATOS E IMPLEMENTAÇÕES

Ana Juliana Fontes¹

Marcio Vieira de Souza²

Abstract: *The virtualization of educational systems and the incorporation of audiovisual media into digital platforms, social networks and AI represent a significant reconfiguration in the way educational content is produced and consumed. This is the result of a long implementation process and reflects the growing integration of digital transformation in the educational environment. The article is focused on this very question: how does the evolution of video productions influence the use of educational videos? Through a narrative review (NR), the objective is to reflect on the evolution of educational videos, understanding the formats (styles) and factors that influence its implementation. It is expected to provide a basis for understanding this configuration and the variations that influence audiovisual productions in education.*

Keywords: *educational video; digital education; artificial intelligence (AI); formats; digital transformation.*

Resumo: A virtualização dos sistemas educativos e a incorporação das mídias audiovisuais às plataformas digitais, redes sociais e IA representam uma reconfiguração significativa na forma como os conteúdos educacionais são produzidos e consumidos. Isso decorre de um longo percurso de implementação, e reflete a crescente integração da transformação digital no ambiente educacional. O artigo centra justamente nessa questão: como a evolução das produções influenciaram o uso de vídeos educacionais? Por meio de uma revisão narrativa (RN), o objetivo é refletir sobre o panorama dos vídeos educacionais, compreendendo os formatos (estilos) e os fatores que os influenciam. Espera-se dar bases para compreender essa configuração e as variações que circundam essas produções na educação.

Palavras-chave: vídeo educacional; educação digital; inteligência artificial (IA); formatos; transformação digital.

¹ Programa de Pós-Graduação em Engenharia, gestão e Mídia do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6593-2381>. e-mail: juliannafontes@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Engenharia, gestão e Mídia do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0165-4036>. e-mail: marcio.vieira@ufsc.br



1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre o cenário mediado e integrado da sociedade com as tecnologias da comunicação e informação (TIC's)³, já vem sendo praticadas na trajetória dos percursos de ensino-aprendizagem buscando aprimorar, diversificar, inovar e atualizar suas práticas constantemente, principalmente, após o cenário da pandemia covid-19 (Guphy *et al.*, 2022; Educause, 2023).

Essas alterações, em grande parte, são decorrentes por uma ordem natural advinda com a transformação digital na educação (Pacheco *et al.*, 2020) que visa consolidar um processo e integração de tecnologias digitais em ambientes educacionais, repensando sua produção, acesso e gerenciamento. Por isso, a virtualização dos sistemas educativos digitais deve ser observada e realizada com atenção, para que não seja apenas uma transposição de práticas, uma digitalização da educação, mas uma reconfiguração de fato dos processos e modelos (Fontes *et al.*, 2023).

Com o aumento potencial do uso de mídias audiovisuais na educação devido ao contexto emergente, um movimento de práticas de cocriação, rearranjos de linguagens, estratégias e as atualizações das mídias vêm se estabelecendo. A incorporação dos vídeos educacionais às plataformas digitais e redes sociais representa uma transformação significativa tanto na forma, quanto no conteúdo desses materiais, influenciando como os esses materiais são concebidos, consumidos e a relação estabelecida com os usuários (Cattaneo *et al.*, 2022). E, apesar do uso difundido de vídeos na educação, é preciso pensar nos desafios e variabilidades na forma como eles são implementados, refletindo no seu impacto efetivo no ensino-aprendizagem, afinal a diversidade de formatos e estratégias que influenciam na produção são fatores que precisam ser consideradas na abordagem do conteúdo.

Para desenvolver essas questões, o presente artigo tem caráter teórico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como método uma revisão narrativa da literatura (RN) (Ferrari, 2015) em consulta às bases de dados (*Scopus e Web of Science*) e bibliografias, delimitada pela seguinte questão norteadora: **como a evolução das produções influenciam o uso de vídeos educacionais?** Tem como objetivo **refletir sobre a evolução dos vídeos educacionais, compreendendo os formatos (estilos) e os fatores que influenciam a implementação dessas produções**. O trabalho

³ As mídias em ambientes digitais: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), mas o termo TIC já supre e engloba ambas



está dividido em três seções a primeira vai tratar sobre o panorama resumido da utilização de vídeos na educação, desde as primeiras utilizações até agora com as redes sociais e Inteligência artificial (IA); a segunda vai abordar alguns estilos e formatos de vídeos mapeados e a terceira engloba algumas estratégias e fatores que influenciam diretamente na produção. Finaliza-se com reflexões sobre esse cenário, compreendo que o vídeo é um recurso que traz grandes possibilidades como ferramentas educativas, garantindo que eles não só complementem, mas enriqueçam o processo de aprendizagem.

2. PERCURSO PARA O USO DE VÍDEOS EM PRODUÇÕES EDUCACIONAIS

Os vídeos com finalidades educacionais ganharam força com a segunda guerra mundial, devido a necessidade de treinamento rápido para militares e civis para desenvolver diversas habilidades e conhecimentos necessários para o esforço de guerra (Hjorth, 2023). No Brasil, essas práticas decorrem principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, concomitantemente com a crescente acessibilidade aos aparelhos de videocassete e, posteriormente, ao DVD.

No Brasil, essas práticas decorrem principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, concomitantemente com a crescente acessibilidade aos aparelhos de videocassete e, posteriormente, ao DVD. Posteriormente, o uso de vídeos educacionais chegou na TV aberta do país, tendo maior case de sucesso com “O Telecurso 2000” (em 1995), desenvolvido em parceria com a Fundação Roberto Marinho (FRM) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). O programa visava democratizar o acesso à educação, especialmente para aqueles que não tinham completado a educação básica, sendo um marco no uso de vídeos educacionais na TV aberta brasileira, pois utilizou a audiência da TV com o ensino em larga escala. Mesmo sendo o mais famoso programa desse tipo, outras iniciativas são precursoras e também tiveram espaço, como é o caso do “Mobral” (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado em 1967, que tinha como foco a alfabetização de adultos e utilizava, entre outras estratégias, programas de TV para atingir seu público. Outros exemplo são o “telecurso 1º (1980) e 2º grau (1978)”, sendo os precursores diretos do Telecurso 2000. Esse programa oferecia cursos supletivos de primeiro e segundo graus e se tornou uma referência em educação a distância, combinando aulas na TV com materiais impressos de apoio (Silva, 2016).



Contudo, “O Telecurso 2000” destacou-se pela inovação ao combinar conteúdos pedagógicos estruturados com uma linguagem acessível, tornando o aprendizado mais atrativo e acessível a um público diverso. A importância do programa reside em seu papel de introduzir e popularizar o conceito de educação mediada por vídeos na televisão, influenciando gerações de educadores e projetos subsequentes voltados à educação a distância no Brasil. Essas bases deram origem a diversos outros programas televisivos com caráter educacional, tendo destaques programas como o TV Escola (criado pelo Ministério da Educação em 1996) e espaço em emissoras como o canal Futura, TV Cultura e TV Brasil.

Pode-se dizer que outro marco para a produção e disseminação de vídeos em diversas instâncias foi, em grande parte, devido à explosão inicial do YouTube⁴, em 2005 (até sua solidificação com vídeos profissionais e outras ramificações audiovisuais atuais), culminando já em 2009 com a criação do Youtube EDU, inspirando outras plataformas de videoaulas. Por outro lado, os *Massive Open Online Courses* (MOOCs), conhecidos como cursos on-line abertos massivos, nos quais o vídeo costuma ser a principal ferramenta de ensino (e que influenciaram as produções educacionais com base no vídeo) também tiveram uma crescente expansão após esses impulsos iniciais. A repercussão de vídeos em redes sociais e plataformas de streaming vinham ganhando força e se solidificaram em definitivo com a pandemia COVID-19 (Cattaneo *et al.*, 2022). Nesse contexto, conteúdos de diferentes formatos foram testados por professores, estudantes e profissionais para atender a demanda das aulas nesse período, utilizando por exemplo podcasts, videocasts, entrevistas, streaming, *webinars*, entre outros (próximos de formatos já utilizados no Youtube e redes sociais, ou inspirados em formatos jornalísticos, ou da grade televisiva que se materializaram em múltiplas plataformas).

Reconhecendo que todas essas mudanças afetaram a forma como os vídeos educacionais são concebidos e consumidos, é possível perceber uma mudança no fluxo de produção, no qual em um momento inicial os vídeos educacionais eram mais longos, utilizados em ambientes controlados e explorando o conteúdo de forma mais ampla sofre uma transição para vídeos efêmeros, com

⁴ Só em 2024, as estatísticas do YouTube mostraram que 50% da população global on-line eram usuários ativos mensais da plataforma e mais de 33 bilhões de usuários mensais (YouTube, 2024), o “*Global Overview Report*” indica que o site como o 2º mais acessado no mundo.



conteúdos mais curtos, dinâmicos e que entreguem informações de maneira rápida e direta principalmente com as redes sociais.

Parte disso, se deve também porque, atualmente, grande parte do público de estudantes das novas gerações são nativos digitais - utilizam ferramentas como *laptops*, *tablets* e *smartphones* para uma conexão “quase permanente” à Internet e as redes sociais – sendo necessário utilizar linguagens “afins” para atingir esse nicho. Além disso, a “cultura do viral”, a própria estrutura das redes (imediatista), de layouts “fluídos”, e o incentivo ao consumo por conta do marketing embutido nas redes sociais têm condicionado a dinâmica dos vídeos⁵, traduzindo em uma dicotomia do alcance versus a efemeridade. O alcance devido à possibilidade de atingir usuários rapidamente, e a efemeridade não só pela necessidade de estar sempre com conteúdos atualizados, mas relacionado à necessidade de condensação de conteúdos e informações complexas, porcionando muitas vezes o conteúdo.

Outro percurso importante e que vale ser destacado é o cenário de produção de vídeos educacionais e os avanços em inteligência artificial (IA). A possibilidade de criar conteúdos automatizados via *prompts*, adaptar vídeos já produzidos e até mesmo produzir materiais educacionais sem intervenção humana direta representam uma ruptura significativa, tendo vantagens e desvantagens. Principalmente, quando é possível aproveitar o potencial da IA para criar experiências interativas, em ritmo personalizado e facilitado, mas também podendo desumanizar o processo educativo com a automatização excessiva de conteúdo, a falta de legislação em vigor, problemas de autoria e fontes legitimadas.

Seja em qual percurso esteja o foco, destaca-se a importância da relação professor-aluno sendo essencial para a construção de conhecimento e desenvolvimento crítico. As tecnologias podem ser um meio de aprimorar a educação, o vídeo um importante instrumento de impacto social, mas é preciso ter um equilíbrio e capacidade crítica para que esse trabalho se perpetue em conjunto, e os formatos das produções sigam uma coerência com a intencionalidade do que se deseja transmitir.

⁵ O conteúdo audiovisual além de versátil, podendo acessado de qualquer local, é fácil de ser hospedado e disseminado nas redes (inclusive gratuitamente e/ou com tamanhos controlados), permite navegabilidade ao se adequar ao ritmo controlado pelo usuário (permite pausar, repetir, acelerar e desacelerar, ver novamente) e apresenta uma variedade de formatos para compartilhar o conteúdo.



3. FORMATOS E ESTILOS EM VÍDEOS EDUCACIONAIS ASSÍNCRONOS E SÍNCRONOS

Como foi visto, o vídeo tem papel de destaque principalmente pela conexão e forma dialógica que estabelece com os usuários (Garcia Aretio, 2022; Cataneo *et al.*, 2022; Educause, 2023). Comparado com outros materiais, tem um formato dinâmico, sensorial, é instrumento fruto da própria cultura televisiva, tendo por si só uma conexão com os telespectadores já conhecida, pautada na dialogicidade - tradição da linguagem oral, além de um forte apelo visual (Machado, 2003).

Sobre a dinâmicas de sala de aula com a utilização de vídeos, Morán (1995, p. 28) já em 1995 previa: “O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. [...] Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico”. Segundo o autor, essa alusão ao entretenimento derivados da tv e do cinema na cabeça dos alunos traz maior leveza para interação com o conteúdo, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Os envolvidos no processo podem aproveitar essa expectativa para atrair o aluno para a temática que irá ser abordada na aula, fornecendo a motivação e interesse necessários (Morán, 1995; Cattaneo *et al.*, 2022).

Os autores Schwartz e Hartman (2007) também delinearam quatro maneiras principais pelas quais o vídeo pode atuar no processo de ensino-aprendizagem, elencadas na tabela 01 abaixo:

Tabela 01 – Possibilidades de atuação do vídeo no ensino-aprendizagem

Por meio do...	Possibilidades e Intenção
Ver	“continuum” de reconhecimento para perceber (e discernir detalhes refinados);
Fazer	Modelando ou experimentando para dominar progressivamente uma habilidade ou procedimento;
Dizer	Adquirir conhecimento declarativo, como por meio da adição de evidências ou razões sobre determinado tema;
Envolver	Usado principalmente para aumentar o interesse.

Fonte: Adaptado de Schwartz e Hartman (2007, tradução nossa).

Morán (1995) também destacou que a utilização do vídeo em ambientes de ensino-aprendizagem se relaciona muito com a intencionalidade pedagógica (ou intencionalidade educativa segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC). Trata-se de um princípio que orienta as atividades exercidas, tanto na organização quanto nas experiências com os envolvidos e a sociedade, é uma relação que vai além da tecnologia, sendo “construída a partir do currículo, de planos de estudos, do uso de métodos e metodologias diversas e dos processos de avaliação, como parte da construção do conhecimento” (Reis *et al.*, 2023, p. 10-11).

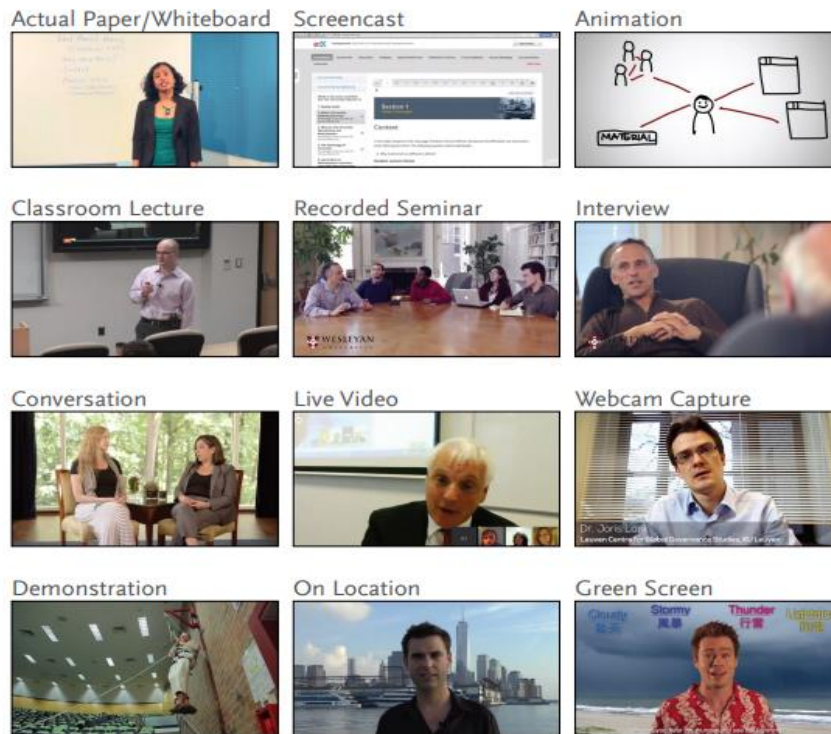
Apesar de momentos distintos, as questões levantadas pelos autores, sobre a implementação de vídeos na educação também esbarra com as questões dos formatos utilizados, estes servem para “identificar a forma e o tipo da produção” (Arochi de Souza, 2015). Na maioria das vezes, eles não se definem apenas por um único tipo, fixo e imutável, geralmente refletem em formatos que mesclam outros em sua linguagem. Isso também se dá pela dinamicidade das produções (estão sempre se remodelando), influências das tecnologias, das práticas midiáticas e influências das preferências dos telespectadores (Tasker, 2022).

Alguns autores se dedicaram a pensar em taxonomia para definição de estilos em vídeos para finalidades educacionais. No concerne ao estilo de produção de vídeos utilizados nesses ambientes, uma pesquisa feita por Hansch *et al.* (2015) foi uma tentativa de sistematizar alguns formatos utilizados, podendo ser listados abaixo (Figura 01), revelando que a escolha do tipo de vídeo influencia no resultado dos objetivos e no alcance do ensino-aprendizagem, precisando ser considerado variáveis na sua escolha, já que não têm um único padrão estético de proposição e que podem se combinar.

Figura 01 - Tipologia de Estilos de Produção de Vídeo



Continuação da figura 01.



Fontes: Hansch *et al.* (2015), p. 20.

Outra pesquisa que tenta pensar uma padronização dos vídeos é de Chorianopoulos (2018), o autor fez um levantamento do que estava sendo produzido principalmente em plataformas de vídeo (*YouTubeEdu*, *iTunesU*, *Coursera*, *Udacity*, *Khan Academy*) para tentar categorizá-los e criar taxonomias, chegando à conclusão que existem duas dimensões que determinam o estilo do vídeo instrucional: 1) personificação humana e 2) mídia instrucional. Ele também aborda que a seleção de estilos de produção de vídeo para produção educacional depende da preferência e viabilidade do instrutor, ou das diretrizes organizacionais (plataforma), ou de facilidade de produção, mas que esses indicadores não garantem sua eficácia e nem substituem a atuação do professor.

Apesar de relevantes e muito utilizadas na área, as pesquisas de Hansch *et al.* (2015) e a de Chorianopoulos (2018), se deram antes do contexto emergente no qual muitas práticas têm sido revistas. Por isso, é importante revisitar esses formatos, considerando não só a incorporação de estilos de formatos televisivos e jornalísticos atuais, mas avaliar primeiramente, possíveis



estratégias e fatores que influenciam na produção de vídeos, os quais são elencados no tópico a seguir.

4. ESTRATÉGIA E FATORES QUE INFLUENCIAM NA PRODUÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS.

Após as explanações feitas até aqui, fica claro que a produção de vídeos educacionais é uma prática importante e que continua em constante mutação, não se limitando a uma forma cristalizada, ela acompanha as tendências e se adequa de acordo com sua implementação. Isso porque, inerente de sua gênese, o audiovisual pode comportar diversas linguagens e gramáticas, podendo sofrer rearranjos em sua base por conta das tecnologias digitais e culminar em novas formas de expressão e interação (Machado, 2003; Cattaneo *et al.*, 2002). Como parte de um processo que considera o ambiente e o contexto, recebe influência direta dos mesmos, por isso destacam-se alguns fatores e estratégias que impactam nos direcionamentos.

Uma das questões cruciais e que deve ser pensada em primeiro lugar, engloba justamente pensar vídeo para ambientes de **educação digital e em rede** que, como mencionado no início, são frutos da transformação digital⁶. Considera-se que conteúdos para essa modalidade, não devem ser meras replicações do que é feito por exemplo em modalidades presenciais, mas pressupõem características próprias, afinal não se trata de uma digitalização da educação. Além disso, o movimento advindo com produção em rede possibilita a cocriação entre os atores envolvidos, podendo ampliar fronteiras e processos (Fontes *et al.*, 2023).

A prevalência de ambientes **personalizados** de ensino-aprendizagem digitais requer cada vez mais conteúdos coerentes e eficazes para atender às necessidades dos estudantes, considerando a clareza nos objetivos de aprendizagem bem delimitados e a função de cada recurso (incluindo os vídeos) desde o início de sua concepção (Guppy *et al.*, 2022). Esses fatores possibilitam, entre outros, um conjunto de “diferentes modalidades didáticas em **contextos formais, informais e não**

⁶ Corroborando para efetivação desse cenário, no Brasil, recentemente o projeto de lei Nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, além de fortalecer e orientar ao uso de competências digitais, midiáticas e informacionais na educação, instituindo a Política Nacional de Educação Digital (PNED).



formais, nos quais quaisquer usuários poderiam recorrer a produção de conteúdo baseados em vídeo para fins de ensino e aprendizagem” (Cattaneo *et al.*, 2019).

Outro ponto importante, é diferenciar a produção audiovisual baseada na perspectiva de como serão vistos, de forma **assíncrona ou síncrona**. Os vídeos assíncronos, não dependem das simultaneidades com o ambiente, professor e os estudantes concomitantemente, podem ocorrer em momentos distintos, tendo maior flexibilidade e dependem de um ritmo controlado. Essa categoria permite vídeos em formatos mais diversos, como animações, seriados, documentários e etc, pois o tempo de produção é maior, muitas vezes contam com a apresentação de recursos gráficos e tendem a ter uma narrativa mais seriada. A interação não é feita de forma direta, é mediada por estratégias educacionais sem simultaneidade. Já os síncronos dependem diretamente do tempo real da aula, da interação direta entre os envolvidos, são simultâneos e acontecem em horários pré-estabelecidos. Favorecem formatos como videoconferências, ao vivo e também entrevistas, mesas-redondas, etc. A definição entre vídeos síncronos e assíncronos também influencia no **tempo e duração dos vídeos**, pois reflete no ritmo e na manutenção da atenção dos estudantes, além de definir como as atividades, as avaliações e a divisão do conteúdo serão feitas. Inclusive, a proposição de **elementos interativos**, sejam eles durante o vídeo ou complementares a ele, ajudam a criar conexões, melhorar o engajamento dos telespectadores para que não seja uma atividade meramente de “assistir”, e sim integrar. A perspectiva de integração, também pode se dar pela **acessibilidade** aos estudantes, incluindo aqueles com necessidades especiais auditivas e visuais, apresentando produtos com legendas, audiodescrição, libras e etc.

Por fim, mesmo que a internet tenha facilitado a difusão e a pandemia tenha potencializado o uso de vídeos, os dispositivos móveis, aplicativos e a IA tenham tornado abrangente a possibilidade de qualquer usuário produzir esses materiais (García Aretio, 2022), as mídias audiovisuais com considerável qualidade técnica ainda estão atreladas à **capacidade técnica-tecnológica** e a **proposição orçamentária** de instituições ou produtores para serem realizadas.



5. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O trabalho teve como questão central a evolução das produções de vídeo e como isso influenciou seus usos em produções educacionais. Desenvolvido ao longo das três seções que desdobram o objetivo da pesquisa: refletir sobre a evolução dos vídeos educacionais, compreendendo os formatos (estilos) e os fatores que influenciam a implementação dessas produções. A primeira seção tratou sobre o panorama de transformação de vídeos na educação, desde as primeiras aparições de vídeos com finalidades educacionais e sua adaptação na linguagem até sua dinâmica frente às redes sociais e a Inteligência Artificial (IA). A segunda precisou relacionar os estilos e formatos de vídeos já mapeados na literatura com a intencionalidade pedagógica e o conteúdo que se deseja abordar. Isso porque a forma da mídia influencia como o conteúdo será apresentado, tanto em questões pensadas na eficácia do ensino-aprendizagem quanto no engajamento com o público. Para isso, na última seção foi necessário entender quais estratégias e fatores influenciam diretamente na produção, pois eles podem determinar a seleção de um formato ou outro: principalmente ao pensar na linguagem audiovisual adotada, ou a influência do ambiente, da modalidade síncrona ou assíncrona, ou as características advindas com a educação digital e em rede, transcrevendo em contextos formais, informais e não formais. Além disso, o nível de personalização, a duração e a interação estão diretamente relacionados com o custo da produção e a capacidade técnica envolvida. Também é importante considerar que os vídeos tenham acessibilidade e compreendam um maior número de público, considerando suas diversidades.

Embora se esteja considerando tal mídia como importante na educação, para os autores dessa proposta o vídeo não substitui a mediação entre os atores do processo de ensino-aprendizagem ou é uma réplica fiel de um conteúdo científico ou tem a função de ser um único meio para compartilhar conhecimento, mas se entende que ele é parte integrante desse complexo processo. Seu uso está além da proposta do conteúdo, principalmente pelo apelo estético e visual, retenção da atenção, interação, diversidade nas formas de apresentar, apoiar e complementar o conteúdo educacional. Essa questão levantada aqui é semelhante, por exemplo, a uma coletânea de livros sobre contos, que passam por uma transformação de sua linguagem e viram uma série de TV. Nesse rearranjo, mais uma vez há diversas intencionalidades que definirão o formato para abordar o conteúdo e os códigos que, inclusive, influenciarão na escolha do que será tratado na narrativa. Nunca será uma transposição fiel do livro, a linguagem é outra, nem mesmo será algo



totalmente diferente do original, mas ficará entre uma linha tênue representada pela materialidade do conteúdo.

Essas reflexões só reforçam a ideia de que o vídeo sempre ocupou um local de destaque, principalmente ao aproveitar a difusão entre o público devido seu alcance e a estética - do poder da imagem - em seus produtos. Ele se configura como um recurso que traz grandes possibilidades como ferramentas educativas, garantindo não só complementar, mas enriquecer o processo de aprendizagem. No cenário digital atual, o vídeo transcende seu papel como mero meio de informação para se tornar uma linguagem de diálogo e conexão, capaz de compartilhar e disseminar conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- Aronchi de Souza, J. C. (2003). Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus,
- Brasil (2020). Conselho Nacional de Educação (CNE). Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020, Brasília, BR.
- Cattaneo, A.; P. Jong, Frank De; Ramos, J. L.; Laitinen-Väänänen, Sirpa; Pedaste, Margus; Leijen, Äli; Evi-Colombo, Alessia; Monginho, Ricardo; Bent, Marije; Velasquez-Godinez, Erick. (2022). Video-based collaborative learning: a pedagogical model and instructional design tool emerging from an international multiple case study. *European Journal Of Teacher Education*, [S.L.], p. 1-25. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02619768.2022.2086859>.
- Chorianopoulos, K. (2018). A Taxonomy of Asynchronous Instructional Video Styles. *The International Review Of Research. In Open And Distributed Learning*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 01-17, 23 fev. 2018. Athabasca University Press. DOI: <http://dx.doi.org/10.19173/irrodl.v19i1.2920>.
- Educause Horizon Report (2023). *Teaching and Learning Edition*. Boulder: CO.
- Ferrari, R. (2015). Writing narrative style literature reviews. *Medical Writing*, 24(4), 230-235. DOI: <https://doi.org/10.1179/2047480615Z.000000000329>
- Fontes, A. J.; Pereira, N. L.; Souza, M. V. de (2023). Panorama sobre o termo educação digital: uma análise bibliométrica (2019-2022) no cenário da transformação digital. In: *Anais.. XIII Congresso*



Internacional de Conhecimento e Inovação (ciKi). Florianópolis-SC. Disponível em:
<https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/1476/799>

García-Aretio, L. (2021). Radio, televisión, audio y vídeo en educación. Funciones y posibilidades, potenciadas por el COVID-19. Ried. *Revista Iberoamericana de Educación A Distancia*, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 9-28, UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia. DOI: <http://dx.doi.org/10.5944/ried.25.1.31468>

Hansch, A.; Hillers, L.; M., Katherine; N. C.; Schildhauer, T.; Schmidt, P. (2015). Video and Online Learning: critical reflections and findings from the field. *Ssrn Electronic Journal*, [S.L.], p. 12-34. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2577882>

Hjorth, W. R. Vídeos instrucionais (2023). *TechTrends* 67, 215–216. DOI: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s11528-023-00836-y>

Morán, J. M. (1995). O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, [S.L.], n. 2, p. 27, 30 abr. 1995. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

Pacheco, R. C. dos S.; Santos, N. dos; Wahrhaftig, R. (2020). Transformação digital na Educação Superior: modos e impactos na universidade. *Revista Nupem*, [S.L.], v. 12, n. 27, p. 94-128, 14 dez. 2020. Universidade Estadual do Parana - Unespar.

Reis, I. W.; Cordeiro, W; Berg, C. H.. Ulbricht, V. R. (2023). Espaços criativos na educação a distância: uma revisão sistemática. IN: *Anais.. XIII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (ciKi)*. Florianópolis, SC.

Silva, R. M. da. (2016). A Trajetória do Programa Telecurso e o monopólio das Organizações Globo no Âmbito do tele-ensino no Brasil. *InterMeio: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação - UFMS*, 19(38). Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2357>

Tasker, Y. (2022). Genre in Action: The Impossibility and Value of Genre Analysis. In: *Ritzer, I. (eds.) Media and Genre*. Palgrave Macmillan, Cham. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-69866-9_2